

UM OLHAR PARA A ESCURIDÃO:

O SÉCULO XX NAS PÁGINAS DE HOBBSAWM E DE GUIMARÃES ROSA

Everton Luis TEIXEIRA¹ (UFPA)

Sílvio Augusto de Oliveira HOLANDA² (UFPA)

RESUMO: Este trabalho propõe um estudo comparativo entre *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e a historiografia de Eric Hobsbawm, enfeixada em títulos como *Bandidos* (1969) e *Era dos Extremos* (1994). No presente exame espera-se demonstrar como a história do Ocidente no século XX infiltra-se na particular inscrita nas páginas desse autor brasileiro e em seu remoto sertão caracterizado pelo protagonista Riobaldo como sendo o próprio mundo. Este espaço geográfico se erige tal qual uma metonímia de todos os lugares, expressão do conceito de “aldeia global” cunhado por McLuhan (1911-1980) e distante, por assim dizer, de uma espécie de saudosismo sertanejo. Exemplos dessa ressonância da história ocidental abundam nesse romance como os grandes fenômenos apontados por Hobsbawm vivenciados no século passado: a emancipação feminina e a crítica aos modelos liberais, os quais originaram os grupos de *bandidos sociais* e as práticas de barbárie por estes cometidas que forjaram em algumas regiões do globo um acontecimento específico na passagem do século XIX para o XX: a eclosão dos primeiros Estados-paralelos de origem rural. Tanto o tema da “nova mulher”, quanto o das origens e evolução dos movimentos de resistência social são de grande relevância tanto para a obra rosiana, quanto para parte do trabalho deste intelectual britânico. Ao deitar um estudo comparativo entre as produções literárias e as narrativas históricas, esta comunicação analisa o percurso traçado pelas sociedades ocidentais no *breve século XX* no intuito de encontrar outras formas de subexistir em meio à desintegração dos valores político-culturais desenhados pelo iluminismo setecentista. Integrando estas construções estético-científicas é possível estabelecer uma interpretação mais completa de uma das muitas faces da realidade contemporânea, enfeixada numa época em que o globo perplexo observou ruir impérios coloniais e a civilidade diante da barbárie praticada em zonas, como o sertão (real ou metafórico), esquecidas pelo capitalismo.

Palavras-chave: Eric Hobsbawm. Guimarães Rosa. História. Literatura. Século XX.

Na medida em que percebemos como a História é violenta, [...] como os antagonismos sociais são radicalmente difíceis, como nossa experiência não é passível de fácil entendimento, é acentuada nossa

¹ Everton TEIXEIRA. Universidade Federal do Pará (UFPA).
evertonveredas@hotmail.com

² Sílvio HOLANDA. Universidade Federal do Pará (UFPA). eellip@hotmail.com

perplexidade. Ficamos perplexos porque a História pesa sobre nós [...], difícil de assimilar, de compreender, e representá-la, considerando sua complexidade, exige uma atitude de renovação, perante as limitações dos recursos de linguagem convencionais. (GINZBURG, 2000. p. 45.)

INTRODUÇÃO

Nesta Era de catástrofes em que se configurou o **breve** século XX, como bem definiu Eric Hobsbawm (1917-2012), tanto a História quanto a palavra literária foram marcadas pelo conflito de forças e valores antagônicos emergidos desta época em que homens perplexos puderam observar, com olhos melancólicos, uma derrocada sem precedentes dos valores liberais originados e cultuados durante todo o “longo” século novecentista. Tal queda nos padrões de civilidade foi responsável por fazer parte do globo ruir impérios coloniais e regimes ditatoriais e, quase simultaneamente, ressurgir tomado por revoluções sociais, as quais trouxeram à tona as vozes esquecidas e silenciadas das zonas marginais do capitalismo.

Contrariando uma vertente dos estudos históricos que visa metodologicamente o exame do presente, este tempo nebuloso que foi o século passado forjou alguns de seus melhores intérpretes em meio às experiências pessoais de horror e de temor. Hobsbawm e Guimarães Rosa souberam ser, cada um em sua área de atuação, personagens e observadores históricos argutos de nossa Era de extremos³ e de desordens graças a erudição de suas obras. O primeiro — numa leitura econômico-social da História, de forte referência marxista — compõe um painel pessimista da contemporaneidade, período caracterizado pela derrocada gradual dos valores iluministas e no qual a diplomacia e o altruísmo chegaram ao seu declínio com a expansão do morticínio e da intolerância aos mais distantes territórios do planeta. Nas palavras do historiador britânico,

³ Considero oportuna a explicação desta ideia de Eric Hobsbawm acerca do século XX, pois apesar de sua falta de otimismo sobre este tempo, o historiador reconhece a época como sendo um período extraordinário, dominado por forças antagônicas de sobrevivência e de extermínio, nas quais os avanços tecnológicos — responsáveis pelo aumento considerável na expectativa de vida e na produção em massa de alimentos, além de um considerável aumento da mobilidade social e profissional dos indivíduos — também disseminaram a violência em escala mundial, materializada no flagelo da incivilidade e da barbárie, ambas elevadas a níveis nunca antes atingidos na história da humanidade. Desta forma, “[o] século XX foi a era mais extraordinária da história da humanidade, combinando catástrofes humanas de dimensões inéditas, conquistas materiais substanciais e um aumento sem precedentes da nossa capacidade de transformar e talvez destruir o planeta” (HOBSBAWM, 2007. p. 09).

[o] século XX foi o mais mortífero de toda a história documentada. [...] Se considerarmos 1914 como seu início real, foi um século de guerras praticamente ininterruptas, com poucos e breves períodos em que não houve conflitos armados organizados em algum lugar. [...] O período entre 1914 e 1945 pode ser visto como uma única “Guerra dos Trinta Anos”, interrompida apenas por uma pausa na década de 1920. [...] O mundo como um todo não teve paz desde 1914 e não está em paz agora. (HOBSBAWM, 2007. p. 21-2)

Guimarães Rosa, por sua vez, em criações como *Grande sertão: veredas* (1956) e *Ave, palavra* (1970) construiu personagens, representações históricas de sobreviventes da brutalidade e dos desmandos advindos, ora de um modelo muito peculiar de **banditismo**, o jaguncismo nordestino, ora dos regimes totalitários como o nazismo alemão, testemunhado pelo escritor mineiro quando era vice-cônsul em Hamburgo, no final da década de 1930, momento crucial para a implementação do Holocausto nazista com a chamada Noite dos Cristais (1938).

Reconhecido pela elaboração estética do sertão de Minas Gerais, Rosa rompeu com a exclusividade desta ambientação ficcional em suas derradeiras criações, as obras póstumas *Estas Estórias* (1969) e *Ave, Palavra* (1970), ambas organizadas pelo intelectual e amigo íntimo do autor, Paulo Rónai (1907-1992). Nesta última, observa-se o autor de *Sagarana* (1946) enveredando-se por outros gêneros literários, tais como oratórios, anotações feitas em visitas a zoológicos europeus, fragmentos de diários e crônicas de seu viver europeu. Das 54 composições que enfeixam *Ave, Palavra*, três narrativas curtas poetizam o conturbado período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

I

Detentoras de uma das maiores bibliografias críticas da história literária brasileira, as narrativas de Guimarães Rosa já foram submetidas as mais diversas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, o gigantismo bibliográfico deste escritor não apresenta uma uniformidade, tendo pontos de maior concentração, como é o caso da fortuna crítica de *Grande sertão: veredas*, e outros de menor atenção, por exemplo, os contos que glosam sobre o período da guerra: “O mau humor de Wotan”; “A velha” e

“A senhora dos segredos”, todos presentes em *Ave, palavra*, um dos dois livros póstumos do autor.

Em criações como “O Mau humor de Wotam”, por exemplo, observa-se a criação rosiana utilizando-se do ato de narrar e da erudição de seu criador para forjar personagens como o casal Hans Helmut e Márion Heubel que precisaram encontrar outras formas de subexistir em meio ao morticínio e a desintegração político-cultural de suas sociedades no catastrófico século XX. Assim, tanto o historiador de Cambridge quanto o escritor mineiro nos legaram páginas fluidas ainda que contrárias entre si, pois, enquanto para a narrativa do autor de *Era dos Extremos* (1994) o século passado nos legou uma Alemanha como imagem de vergonha, incivilidade e desintegração sócio-política, para o escritor mineiro, todavia, este país não poderia ser reduzido apenas ao aspecto político que originou um espaço onde imperam a opressão despótica e um povo “que só se interessa por carros blindados e aviões de bombardeio” (ROSA, 2006, p. 153). Guimarães Rosa cultuava as obras de Wagner (1813-1883), de Goethe (1749-1832) e a própria língua germânica como influências de sua criação literária (cf. ROSA *apud* LORENZ, 1991, p. 62-97), e por isso constrói uma anti-imagem da Alemanha num momento em que o regime nazista sombreava os aspectos culturais e silenciava as vozes contrárias aos rumos dados pelo *Fuehrer* à *Deutschland*, fazendo com que mulheres mais velhas como Verônica e Frau Heelst lancem no Brasil as suas últimas fichas no jogo da sobrevivência e da liberdade, sem imaginar que o percurso histórico do terror e da violência criado no Ocidente já abrisse avenidas largas no interior do país.

Como se pode atestar na leitura de Hobsbawm e na de Guimarães Rosa, o muro de fronteira que aparta a História da Literatura apresenta muitas fissuras que tanto podem estabelecer relações desarmônicas, como as observadas nos chamados *contos alemães* rosianos, quanto gerar aproximações entre a produção ficcional e a narrativa histórica, como se dá com *Bandidos* (1969) e

Grande sertão: veredas.

II

O sertão rosiano atravessa vigorosamente o território agreste geograficamente demarcado, espraiando-se por uma *universalização* de uma topografia comum a todo o

Ocidente, fazendo de *Grande sertão: veredas* uma metonímia de todo espaço marcado com o ferrete da violência social, esta capaz de, se tornada costume, produzir uma espécie de pacto entre homens e forças infernais, senhoras da barbárie. Ao forjar este espaço onde as águas da prosa e da poesia se confluem, Rosa também erige neste seu universo literário, o *locus* no qual — nas palavras de Eduardo F. Coutinho — “a fala dos desfavorecidos se faz também ouvir” (COUTINHO, 2013. p. 31).

Riobaldo, o protagonista de *Grande sertão: veredas*, é um homem comum, velho barranqueiro que por meio de um modelo socrático de narração se lança num gosto particular de

“especular ideia” (ROSA, 1956. p. 11) através de um diálogo com seu sempre oculto interlocutor a quem dirige humildemente seus questionamentos sem nunca esperar deste respostas, mas sim a sua cumplicidade aos argumentos que disserta sobre os grandes temas que envolvem a trajetória humana tanto no ambiente telúrico quanto no plano metafísico. Ao narrar o processo de permanente mudança por que passou na vida, o herói de *Grande sertão: veredas* mantém viva a memória histórica do Ocidente filtrando-a e transpondo-a dentro de seu cenário sertanejo muito peculiar, pois se “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 1956. p. 74) como professa, as contrariedades do globo ressoam dentro do *hinterland* brasileiro e nas páginas da prosa do autor de *Primeiras estórias*

(1962) numa clara demonstração de que a ausência de urbanidade, em Rosa, não se constitui em uma espécie de saudosismo campestre, tão em voga na literatura regionalista brasileira até meados da década de 1940, cuja representação bucólica servia, entre outras coisas, como evasão dos assuntos que perturbavam o restante do mundo.

Adentrando na complexidade do “labiríntico e infindável” (LOPES, 1970. p. 315) Sertão rosiano, deslinda-se a pluralidade de esquemas narrativos que se desdobram uns por cima dos outros, dentro dos quais o escritor mineiro elabora a sua paisagem narrativa erguida a partir do real e profundamente maculada pela nódoa negra de um anacronismo social tipicamente brasileiro, cuja corporificação se dá mais visivelmente nas regiões mais remotas e paupérrimas do Estado nacional, como o sertão agreste nordestino, contudo, sem esquecer que este fenômeno se espraia, às vezes, com menor força pelo restante do país.

São nestes espaços de ninguém que os movimentos desumanos e aniquiladores operam em toda a sua força. Seus afetados são indiscutivelmente os mais necessitados residentes dessas zonas à margem do capitalismo sul-americano, grandes reféns do poder paralelo personificado pelos coronéis, fazendeiros e suas milícias armadas, compostas por ferozes jagunços. É este o cenário propício no qual, na reflexão de Hobsbawm,

[A] crueldade implícita nas relações entre aqueles que se supõem “naturalmente” superiores e seus inferiores supostamente “naturais” apenas acelerou a barbarização latente em todo confronto entre Deus e o Diabo. Nessas escaramuças apocalípticas apenas um resultado é possível: vitória total ou derrota total. Não se pode conceber nada pior que o triunfo do Diabo. [...] Em semelhante luta, o fim necessariamente justificava *quaisquer* meios. **Se a única maneira de derrotar o Diabo era por meios diabólicos, era isso que tínhamos que fazer.** (HOBSBAWM, 2013. p. 354.) [grifo meu]

Em *Grande sertão: veredas*, por exemplo, Guimarães Rosa sela o polêmico pacto feito por seu herói Riobaldo com Satã como uma alegoria de um consórcio necessário, pois sendo jagunço, o indivíduo faz-se próximo do Mal, tornando-se um pouco pactário também já que “quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio” (ROSA, 1956, p. 11). Pensando na metáfora desta personagem de que “jagunço é o sertão” (ROSA, 1956, p. 307) e este espaço metaforiza todo o território brasileiro (e quiçá, o globo), lembro das palavras do ensaísta lusitano Óscar Lopes (1917-2013) que afirma ser

o pacto com o Diabo é concretamente inevitável, quer na vida individual, quer na política. O *Leit-Motiv* do romance pode com efeito formular-se abstractamente [*sic*] como segue: nós estamos todos sujeitos a um pacto diabólico, somos todos *pactários*, o drama do Fausto é inerente a todas as situações historicamente conhecidas dos homens. Somos uns doidos, um turbilhão de doidos em lutas de bandos, e *o Diabo na rua, no meio do redemoinho*, o Diabo que de resto não existe e todavia nos arma, porque ele afinal não passa da alienação, historicamente necessária, do homem ao homem. (LOPES, 1970. p. 320.) [grifo meu]

Diante de poucos dados cronológicos que escapam fortuitamente, do enredo de

*Grande sertão: veredas*⁴, Roberto Schwarz, numa interpretação arriscada, localiza o cenário ficcional do romance rosiano dentro do período de 1917, época em que se instaura, na concepção de Eric Hobsbawm, a Era da Catástrofe, marcada por manifestações político-sociais ao redor do globo, compreendidas no período entre guerras, em que as “frágeis” democracias mundiais, “como mostra a experiência, requerem inimigos endemonizados” (HOBSBAWM, 2013, p. 352.).

Uma vez que diante das diversas manifestações de crueldade cotidiana, a barbárie — como manifestação do maligno — passa de uma atitude de exceção para uma regra comum e total, como nos ensina Walter Benjamin (1892-1940) em seus conceitos acerca da História. Neste novo estado, cabe ao indivíduo demandar pelas forças maléficas no intuito de realizar aventuras antes não possíveis pela sua condição paupérrima e/ou mortal, aprendendo, por fim, parafraseando Hobsbawm, a se habituar ao que é desumano, tolerando o que não é tolerável.

Sem a ínfima perspectiva de fuga do embate entre as forças metafísicas e factuais do Bem e do Mal, as personagens rosianas caminham, lançando-se em perigos e peripécias dignas dos grandes combates épicos, tentando demandar Deus e a vida por meio de um jogo de enfrentamentos que possui tanto das manifestações anacrônicas de poder paralelo, quanto de experiências oriundas da insegurança — ainda hoje — sentidas nas grandes metrópoles e em pequenas cidades “onde o Estado passa por acentuado processo de desgaste” (HOBSBAWM, 2000, p. 23).

Enveredando-me pelo estudo de como a história universal adentra na particular na obra rosiana, não deixo de compartilhar da observação feita por Jaime Guinzburg — tomando como ponto de partida a *Teoria estética* de Theodor Adorno (1903-1969) e na concepção deste de *historiografia inconsciente* — de que “a experiência histórica está presente nas obras, mas não de modo que os conteúdos sejam expostos de forma direta

⁴ É, no mínimo, intrigante como Guimarães Rosa constrói, em *Grande sertão: veredas*, um romance que triunfa esteticamente, apesar de abandonar um dos aspectos estruturantes deste gênero literário: o tempo. A negligência à descrição cronológica ocorre mesmo diante da exposição de fatos documentados, num atitude clara de manter o relato autobiográfico do protagonista *atemporal*, constituindo-se o tempo como fator não primordial das composições ficcionais produzidas no século XX. Como ilustração disto, cito o momento em que Riobaldo descobre as origens de Diadorim: “Este papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos [grifo nosso]... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* [...]” (ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 590-591.).

na superfície” (GINZBURG, 2010. p. 17). Desta forma, percebe-se no ficcionista mineiro, uma fina estratégia dialética entre a história e a literatura inscrevendo discretamente algumas passagens importantes do século XX nas páginas de seu remoto sertão.

Exemplos dessa ressonância da história ocidental abundam em *Grande sertão: veredas* como o de um grande fenômeno observado no século passado que foi a emancipação feminina, em cujo processo legou as mulheres, entre outras conquistas, a luta pela igualdade deste gênero ao acesso do exercício profissional. Livres, em grande parte, da necessidade de procriar estas novas mulheres foram incentivadas ao ingresso no mercado de trabalho no século XX, segundo Hobsbawm, pela indústria de guerra. No entanto, esta transformação de perfil social lançou novas águas no moinho de problemas do sexo feminino, haja vista que

[s]e a emancipação significava emergir da esfera privada e frequentemente separada da família, da casa e das relações pessoais às quais as mulheres haviam sido tão longamente confinadas — poderiam elas, e como poderiam, reter a parte da feminilidade que não eram simplesmente papéis a elas impostos pelos homens num mundo feito para os homens? Em outras palavras, como poderiam as mulheres competir [...] numa esfera pública formada por um sexo diversamente definido e em termos a ele adequados? (HOBSBAWM, 2011. p. 339.)

Para esta questão, a resposta formulada pelo autor de *Sagarana* foi a construção de um universo sertanejo em permanente conflito onde surge, por exemplo, a figura ambígua e brava de Diadorim (ou sua identidade jagunça masculina Reinaldo), mestre de Riobaldo — garimpando com este as belezas da natureza — e partícipe das revoluções sociais em pé de igualdade com os demais jagunços, seja em campo de batalha, ou em duelos em defesa de sua moral ofendida.

Tal personagem filiar-se-ia, historicamente, nas palavras de Affonso Ávila, ao grupo de outras mulheres excepcionais da crônica mineira, revelando, assim que “em *Grande sertão: veredas*, não são poucos os tipos colhidos ao vivo, as histórias correntes na sua região que [Guimarães Rosa] transpõe para o domínio da arte” (ÁVILA, 2001. p. 97.). E não apenas nos domínios de Minas Gerais, uma vez que em diversos movimentos históricos ocorridos no século XX, sociedades inteiras foram obrigadas a

se camuflarem sob as mais variadas máscaras da ambiguidade, elemento que na leitura de grandes intérpretes da escrita rosiana, como Walnice Galvão, é a espinha dorsal do romance do autor de *Corpo de baile*.

Além disto, em outro momento do romance pode-se constatar a crítica aos modelos liberais levantada pelos celerados indômitos Hermógenes e Ricardão. Partidários convictos das práticas de violência e desordem do jaguncismo, estes indivíduos se vingam, à traição, de seu chefe Joca Ramiro após o mesmo impor um tribunal, aos moldes do poder judiciário do Estado de direito, e absolver Zé Bebelo da acusação que paira sobre ele, a de querer descaracterizar o Sertão, com um

“desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei” (ROSA, 1956. p. 258) trazendo para este espaço a ordem dos Estados democráticos por meio da extinção das revoltas rebeldes como a jagunçagem.

— É interessante observar como a construção ficcional de Guimarães Rosa reelabora o conflito latente entre as experiências anacrônicas da tradição local e os usos modernos da contemporaneidade urbana, através das contradições e ambiguidades humanas transpostas, pela palavra literária, para as esferas sociais. O procedimento adotado por este chefe jagunço não se constitui numa regra inscrita no código dos malfetores sertanejos, apesar de estar longe de ser inverossímil como atesta Hobsbawm em *Bandidos*. Na leitura do historiador acerca deste paradigma de foras da lei — meio ladrões, meio heróis — originados em zonas periféricas do capitalismo moderno, eram estes, muitas vezes, “mencionados como ‘bandidos bons’” (HOBSBAWM, 2010. p. 11), o que parece corroborar com o relato de Riobaldo ao identificar que, entre os jagunços com os quais conviveu, quase todos tombaram para o banditismo por motivações nobres (ou até mesmo vulgares), sendo o único indivíduo vil em sua essência, o cruel Hermógenes.

Em épocas de guerras e de poderes paralelos como o jaguncismo, em que “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 1956. p. 12), a palavra literária e o ofício de historiador são de suma importância não só como testemunho das práticas de desumanidade dos regimes políticos ditatoriais, mas como agentes de militância contra o barbarismo e de recriação de ideais e de belezas outrora lançadas à margem do cotidiano da humanidade. Todavia, a literatura pela sua natureza específica não se

contenta só com os elementos postos pela ciência e acaba por buscar o “não-contável” da História, isto é, a porção de utopia que anima nacionalidades e que não é percebida pelos historiadores, mas que pode ser construída pela linguagem presente na ficção de escritores contemporâneos, última (e talvez única) forma de resistência humana diante das manifestações de violência e barbárie que reduziram significativamente a civilidade no século XX.

CONCLUSÃO

Nesta tentativa de desvendamento das sendas em que se cruzam e se embatem as fronteiras entre a literatura e a história, ou as interpretações destas pelo autor Guimarães Rosa e por Eric Hobsbawm, este trabalho possuiu como objetivo o exame da obra rosiana *Grande sertão: veredas* (1956) num diálogo com as abordagens teóricas elaboradas nos ensaios deste historiador britânico, as quais glosaram sobre o século XX e sua capacidade de gerar destruições e revolucionários, ambos responsáveis pela metamorfose do planeta.

Como se pode atestar na leitura de Hobsbawm e na de Guimarães Rosa, o muro de fronteira que aparta a História da Literatura apresenta muitas fissuras que geram aproximações entre a produção ficcional e a narrativa histórica, como se dá com *Bandidos* e *Grande sertão: veredas*. Utilizando-se destas brechas neste denso romance, Guimarães Rosa aproxima-se dos métodos da pesquisa histórica, focando a sua escrita naqueles grandes personagens do século XX, “as pessoas comuns” como afirmou o convicto marxista Hobsbawm, ao tratar destes indivíduos que, em sua eterna mobilização⁵, muda[ra]m consideravelmente o cenário deste breve século ao assumirem, inclusive papéis relevantes dentro da “administração da coisa pública” (HOBSBAWM, 2000. p. 46).

⁵ Fora da visão marxista de Hobsbawm, considero relevante também lembrar que, como numa espécie de epopéia contemporânea, a obra de Guimarães Rosa erige-se num palco aberto e em incessante movimento, rarefazendo episódios do cotidiano doméstico, em outras palavras, nega-se, quase sempre, a ambientação dos acontecimentos em cenas internas, tendo as personagens, jagunços ou não, um ímpeto pelo deslocamento, a saída em guerras e em viagens tal como bem compreendeu Benedito Nunes (1929-2011) em artigo intitulado *A Viagem*, trabalho inscrito em *O dorso do tigre*, originalmente publicado em 1969. Cito brevemente o ensaísta: “Existir e viajar se confundem. A existência de Riobaldo totaliza-se como viagem finda, que precisa ser relatada para que se perceba o seu sentido.” Cf. NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 168.

Desde a publicação de *Sagarana*, em 1946, a obra de Guimarães Rosa se constituiu num complexo projeto literário que desafiou, e ainda hoje desafia, os pesquisadores dos Estudos Literários e mostra a cada investida no texto, uma nova faceta da ficção rosiana. Com uma das maiores bibliografias críticas da história literária brasileira, as narrativas do autor de *Grande sertão: veredas* já foram submetidas as mais variadas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, o gigantismo bibliográfico de Guimarães Rosa, passados mais de meio século de recepção crítica de *Grande sertão: veredas* ainda é uma esfinge a lançar perguntas aos seus leitores.

No interior da recepção crítica rosiana, alguns poucos trabalhos versaram sobre estes signos sombrios da contemporaneidade ocidental e nenhum promovendo, como neste artigo, um estudo comparatista entre as obras de Rosa e Hobsbawm, dois grandes intérpretes de sua época. Nos trabalhos mais recentes sobre o autor de *Corpo de baile* que observam sua escrita como representação da história no século XX, destaca-se o de Nildo Benedetti⁶ que, ao se debruçar sobre *Sagarana*, identificou uma representação unicamente brasileira na escrita rosiana, algo a que meu estudo se contrapõe, uma vez que na leitura dialética que proponho do sertão rosiano, sobretudo nas páginas do *Grande sertão: veredas* é uma elegia nacional, um canto de morte pela perda de Diadorim e pelas ilusões que o século passado nos legou, como conclui Riobaldo já descrente do Bem e do Mal reconhecendo, por fim, o triunfo do individualismo capitalista de que o que “[e]xiste é homem humano [em sua eterna] travessia” (ROSA, 1956. p. 594). Como se pode observar, a grande compreensão histórica a qual se lança Guimarães Rosa é o entendimento de que o indivíduo — em sua condição mortal e de inconstância — não surge pronto e, portanto, pode se movimentar como afirma Hobsbawm, citado anteriormente.

Em uma Era de catástrofes — como bem definiu aquele historiador britânico ao longo de sua obra mais divulgada no Brasil, *Era dos extremos: o breve século XX* (1994) —, a literatura também foi marcada pelo conflito de forças e valores antagônicos emergidos desta época em que o pacto selado entre os indivíduos ocidentais e a escrita histórica e/ou estética trouxeram — para responder às questões metafísicas de um ex-

⁶ Cf. BENEDETTI, Nildo Maximo. *Sagarana: O Brasil de Guimarães Rosa*. São Paulo, 2008. 291 p. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Universidade de São Paulo.

jagunço, em *Grande sertão: veredas* — à superfície as vozes enoitecidas e caladas das periferias do capitalismo.

Assim, o ato de narrar — derradeiro recurso de sobrevivência, na Alemanha tomada pelo terror da extrema direita e no violento *hinterland* rosiano — mostra-se relevante tradução artística de um pacto estabelecido entre os fios literários e os factuais na trama da compreensão da História recente em que o desmoronamento de impérios e ilusões ocidentais refletiram em países como o Brasil, que vivenciou a experiência do Regime colonial, numa necessária afeição, também, das questões metafísicas com o objetivo de enfrentar a loucura que assola qualquer indivíduo na contemporaneidade, as práticas intoleráveis de épocas, como estas, de difícil compreensão, períodos de profunda escuridão enfrentados pelas páginas de Hobsbawm e de Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ÁVILA, Affonso. “Grande Sertão: autenticidade e invenção”. In: *Catas de Aluvião: do pensar e do ser de Minas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2001. p. 95-98.
2. BENEDETTI, Nildo Maximo. *Sagarana: O Brasil de Guimarães Rosa*. São Paulo, 2008. 291 p. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Universidade de São Paulo.
3. COUTINHO, Eduardo F. *Grande Sertão: Veredas. Travessias*. São Paulo: É Realizações, 2013. 136 p.
4. GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006. 184 p.
5. GUINZBURG, Jaime. “Autoritarismo e literatura: A História como trauma”. In: *Vidya*. Santa Maria. v. 33, p. 43-52, 2000.
6. _____. “Guimarães Rosa e o terror total”. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (orgs). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 340 p.
7. HOBBSAWM, Eric J., *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 200 p.
8. _____. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 486 p.
9. _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p.
10. _____. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 280 p. il.
11. _____. *A era dos impérios, 1875-1914*. 13. ed. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 584 p.
12. _____. *Sobre história*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 440 p.

13. LOPES, Óscar. *Ler e depois*. 3. ed. Porto: Inova, 1970. v. 1, p. 313-365.
14. LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.
15. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 594p.
16. _____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. 236 p.
17. SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 188 p.
18. SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. “Visão do mundo e estilo em *Grande Sertão: Veredas*”. In:
19. ADONIAS FILHO et alii. *Guimarães Rosa*. Lisboa: Inst. Luso-Brasileiro, 1969. p. 61-79.

